



## **UM FRUTO DO CONTATO: A INFLUÊNCIA LEXICAL AFRICANA NOS TOPÔNIMOS DO JARDIM SUCUPIRA**

Natália Oliveira Nascimento (UEFS)<sup>1</sup>  
[nata.nascimento29@gmail.com](mailto:nata.nascimento29@gmail.com)

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz (UEFS)<sup>2</sup>  
[rqrqueiroz@uol.com.br](mailto:rqrqueiroz@uol.com.br)

Silvana Farias de Araújo(UEFS)<sup>3</sup>  
[silvana.uefs.2014@gmail.com](mailto:silvana.uefs.2014@gmail.com)

**RESUMO:** Pouco se trata das questões linguísticas africanas no Brasil, especialmente quando relativas ao léxico toponímico. Nesse sentido, apresentaremos neste artigo uma análise envolvendo aspectos extralinguísticos para justificar elementos lexicais e morfológicos africanos fixados na língua portuguesa brasileira, objetivando contribuir com a descrição dos traços lexicais que resultaram do contato linguístico no Brasil, através dos topônimos de origem africana, encontrados no bairro Jardim Sucupira, na cidade de Feira de Santana-Ba.

**PALAVRAS-CHAVE:** Contato linguístico; Léxico de origem africana; Toponímia; Feira de Santana-Ba; Jardim Sucupira.

**ABSTRACT:** African linguistic issues aren't very discussed in Brazil, especially when referring to the toponymic lexicon. In this way, we will present in this article an analysis including extralinguistic aspects to justify African lexical and morphological elements fixed in the Brazilian Portuguese language, aiming to contribute with the description of the lexical traits that resulted from the linguistic contact in Brazil, through toponyms of African origin, found in Jardim Sucupira neighborhood, in the city of Feira de Santana-Ba.

**KEYWORDS:** Linguistic contact; Lexicon of African origin; Toponymy; Feira de Santana-Ba; Jardim Sucupira.

### **1 Considerações Iniciais**

Muitos trabalhos têm sido realizados na perspectiva de traçar os processos pelos quais resultaram na formação da língua portuguesa implantada no Brasil. Assim, através do viés histórico da formação do Brasil, surgiram várias concepções a respeito da criação

---

<sup>1</sup>Mestranda em Estudos Linguísticos – PPGEL-UEFS 2017. Bolsista CAPES.

<sup>2</sup>Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos – UEFS. Orientadora.

<sup>3</sup>Professora responsável pela disciplina Estudos de variedades do português.

dessa variedade do português, sendo uma dessas a da Transmissão Linguística Irregular, postulada pelos sociolinguistas Baxter (1995) e Lucchesi (2012). Nesse sentido, vários outros estudiosos têm lançado suas contribuições sobre o assunto analisando vários aspectos e elementos linguísticos, como o morfológico, o sintático, o semântico, o fonológico, o fonético e o menos gramatical de todos, porém, mais rico de informações, o lexical.

O léxico é o objeto de estudo da lexicologia que, juntamente com a linguística, possibilita resgatar dados linguísticos e extralinguísticos no sentido de contribuir com a formação do português brasileiro. Através dos elementos lexicais, vários aspectos da formação da língua de um povo podem ser alcançados, possibilitando extrair dados imprescindíveis para traçar a trajetória linguística de determinado local.

A toponímia, como ciência responsável por estudar os nomes próprios de lugares, ou melhor, o léxico toponímico, também pode contribuir para a descrição da trajetória geradora da língua portuguesa implantada no Brasil, além de explicar questões do contato linguístico, pois o topônimo é a parte lexical ligada diretamente às vivências de um povo, podendo refletir muito do que foi compartilhado pelos habitantes dos primeiros séculos no Brasil.

Nesse sentido, apresentamos também considerações sobre um estudo realizado na perspectiva de revelar o panorama das origens dos topônimos brasileiros, envolvendo os de origem africana e de origem indígena. Dessa forma, percebemos que, por vários motivos, como as questões étnicas e o preconceito religioso, os topônimos portando nomes africanos são minoria no Brasil, concentrados em sua maioria nas terras baianas.

Sendo assim, objetivamos contribuir com as análises das influências linguísticas africanas no português do Brasil, através do léxico toponímico encontrado, porém, já modificado, no bairro Jardim Sucupira, na cidade de Feira de Santana-Ba, o qual traz vocábulos de origem africana, com uma carga cultural extensa, desde um viés das religiões às tradições africanas. O que é relevante para as análises envolvendo aspectos extralinguísticos e sociais, justificando aspectos lexicais e morfológicos presentes na língua portuguesa brasileira até os dias atuais.



### 2 Influências de outras línguas nas variedades do PB

Ao observarmos a língua portuguesa brasileira, independente de sua variação, culta ou popular, notamos rastros da mistura linguística que originou essa língua com aspectos plurais. O estudo da língua de qualquer lugar acarreta o estudo da história desse lugar, incluindo todos os aspectos das vivências do povo local, assim como o processo que gerou as variedades linguísticas utilizadas por ele. Como sabemos, desde os tempos da colonização, o Brasil foi constituído por vários povos, como os indígenas e os africanos, cada um com suas variedades linguísticas. Dessa forma, entendemos que o português brasileiro, doravante PB, é o produto do contato desses e de outros povos e da mistura de suas línguas.

Nesse sentido, vários sociolinguistas vêm desenvolvendo pesquisas para afirmar empiricamente a influência do contato entre as línguas dos diferentes povos, os quais viveram no Brasil no tempo da colonização, e o atual PB. Baxter (1995) defende a hipótese da crioulização prévia<sup>4</sup> e corrobora que:

[...] variedades do português se desenvolveram no setor rural, onde vivia a maior parte da população no período colonial, e onde, conforme a região, as povoações de africanos e ameríndios podiam ser muito elevadas em comparação com a do grupo politicamente dominante (BAXTER, 1995, p.74).

O destaque para o setor rural nas relações de contato é importante para se esclarecer a formação do português popular brasileiro, pois é nele que encontramos a maioria das diferenças entre o PB e o português europeu, assim como muitas marcas da influência das línguas indígenas e africanas. Assim, segundo Guy (1984 apud BAXTER,

---

<sup>4</sup> Segundo Baxter (1995), a hipótese da crioulização prévia se baseia nas perspectivas atuais sobre a crioulização e as línguas crioulas, assim como na relevância do contexto histórico brasileiro para os processos de contato linguísticos e, sobretudo, nos fatos morfossintáticos dos dialetos urbanos e rurais que encontram paralelos tipológicos nas línguas crioulas.

1995, p.78) as línguas da África que, provavelmente, mais deixaram suas marcas no PB foram as do grupo linguístico Kwa, da África ocidental e as línguas banto do Congo e de Angola.

Segundo Lucchesi (2012), o linguista norte-americano Gregory Guy (1981-1989) interveio nessa questão da formação histórica do PB baseando-se na relevância do contato linguístico, postulando que as condições sociais dos séculos iniciais dos tempos da colonização brasileira favoreceram a crioulização, assim como o português popular brasileiro seria produto de um processo de descrioulização de um crioulo português do século XVII. Alan Baxter e Dante Lucchesi, em seu livro *O português afro-brasileiro*, lançado em 2009, procuram evidenciar empiricamente que o contato entre línguas desempenhou importante papel na formação das variedades populares do PB. Assim, acreditam que houve um processo de transmissão linguística irregular (TLI) de tipo leve<sup>5</sup>. É importante frisar que esse processo tem como principais agentes os milhões de índios brasileiros e os africanos escravizados no Brasil. Nesse sentido, ainda segundo Lucchesi (2012), as marcas do contato são notadas também em um paralelo entre as variedades linguísticas do português popular brasileiro e os crioulos de base lexical portuguesa da África através da simplificação morfológica.

Tanto Baxter (1995) quanto Lucchesi (2012) tratam, especialmente, das marcas morfossintáticas deixadas no PB, mas, é importante frisar que não iremos nos aprofundar nesse aspecto, visto que trataremos dos aspectos lexicais e culturais adquiridos pelo contato linguístico. Assim, seguiremos percorrendo apenas sobre a situação de contato linguístico que prevaleceu nos tempos fundantes do Brasil e reflete no PB utilizado atualmente, para fundamentar o resultado desse processo no léxico atual.

Nesse sentido, Mello (2011) apresenta um breve panorama social e histórico do começo do Brasil na intenção de revelar o contato inicial, assim relata as variadas maneiras de comunicação entre os povos como: a língua geral paulista, definida como coiné, envolvendo os portugueses, brasileiros mestiços, indígenas e africanos. Os jargões

---

<sup>5</sup> Caracteriza-se “[...] por uma erosão dos mecanismos gramaticais que não têm valor informacional.” (LUCCHESI, 2012, p. 250)

instáveis, que eram maneiras de se comunicarem através de elementos lexicais das variadas línguas africanas e das línguas disponíveis em seu entorno, como o português e a língua geral. Os jargões emergenciais também foram formas de comunicação dos escravos aculturados recém-chegados ao Brasil. Outras situações de convívio também compõem esse cenário, como as comunidades quilombola compostas por índios, brancos, escravos e mestiços fugitivos; nos centros urbanos também havia a convivência entre os diferentes grupos étnicos. Nesse sentido, a natalidade resultante do envolvimento entre aqueles grupos, a denominada miscigenação, influenciou de forma crucial na composição do povo brasileiro, conseqüentemente na variedade de um português mesclado. A autora desacredita da visão de evolução linguística do português brasileiro vernáculo e que este seja produto de uma criouliização e descriouliização, pois considera que só por meio da sócio história é possível fazer e respaldar um estudo da formação de uma língua.

Através dos muitos trabalhos comparativos entre o português europeu e o PB, Petter (2015) observa traços que distanciavam a norma europeia das novas variedades do português, assim “[...] propôs o cotejo das variedades angolana, moçambicana e brasileira, com base no fato de que elas compartilhariam o contato com línguas africanas do grupo banto [...]” (PETTER, 2015, p.306). Mussa (1991), compartilha da mesma observação quando infere que:

[...] o percentual de falantes banto foi sempre superior, e quase sempre maciçamente, em todo o período do tráfico. Isso nos possibilita entender de forma bastante clara por que são precisamente os itens lexicais de origem banto os que se registram com mais anterioridade, com maior grau de integração morfológica e em maior número de campos semânticos no português do Brasil... a posição relativamente proeminente do grupo benwe-kwa (não banto) nos últimos séculos também implica o grande número de itens lexicais emprestados por essas línguas, embora não integrados e particularmente restritos aos campos semânticos ligados à atividade ritual (MUSSA, 1991 apud SILVA, 2004, p.18).

A partir dessas observações e da comparação proposta, Petter (2015) constatou semelhanças linguísticas nos níveis fonológico, lexical e morfossintático, o que a levou a acreditar na hipótese de um *continuum* afro-brasileiro do português, resultado da “[...]”

expansão da língua portuguesa num contexto de colonização, semelhante a romanização” (PETTER, 2015, p. 306).

Com o propósito de demonstrar as influências do contato linguístico (que provavelmente influenciou na formação das línguas crioulas da África, assim como nessas variedades que possivelmente existiram no Brasil) por um novo viés, a autora apresenta uma abordagem lexicalista do contato, especificamente através da visão de Myers-Scotton baseando-se na afirmação de que “[...] a aquisição de segunda língua segue os mesmos princípios da aquisição de primeira língua.” (PETTER, 2015, p. 310), nessa visão são postulados três modelos que explicam esse princípio, sendo o modelo da língua matriz o mais relevante para o estudo que segue, pois naquele a língua matriz fornece a estrutura morfossintática e a outra língua, a encaixada, o vocabulário. Quanto aos crioulos de base lexical portuguesa, a estrutura usada seria proveniente de línguas de origem africana e o vocabulário de origem portuguesa. Sendo o contrário para as variedades não crioulas, entre as quais temos a hipótese de que se encaixam variedades como o português popular brasileiro.

Nesse sentido, apoiamo-nos também nessa visão para fundamentar e tentar explicar processos lexicais que cristalizaram os topônimos de origem africana encontrados no bairro Jardim Sucupira em Feira de Santana-Ba.

### **3 O léxico toponímico como produto do contato**

A Lexicologia é a ciência responsável pelo estudo e análise, categorização e estruturação lexical. Sendo assim, se encarrega de estudar as mudanças e alterações de um povo perpetuadas no léxico, objeto de estudo dessa ciência. Esse conceito se reflete em Abbade (2006), ao inferir que:

Estudar o léxico de uma língua é enveredar pela história, costumes, hábitos e estruturas de um povo, partindo-se de suas lexias. É mergulhar



na vida de um povo em determinado período da história, através do seu léxico (ABBADE, 2006, p. 213).

Ao estudarmos o contato linguístico através do léxico, principalmente através de sua etimologia, constatamos a trajetória pela qual passou cada vocábulo de uma língua, o que está diretamente ligado às tradições, à cultura, aos costumes e à religião de um povo.

Através da história brasileira, nos séculos iniciais, notamos que na convivência cotidiana se tinha a necessidade de comunicação entre pessoas de diferentes etnias, desde a realização das ínfimas atividades diárias até a preservação das tradições e dos costumes, o que possivelmente impulsionou a mistura lexical e, conseqüentemente, mudanças em sua estrutura morfológica, como podemos verificar nos trabalhos de Baxter (1995) e Lucchesi (2012). Pois, como afirma Petter (2015, p. 310), “[...] o vocabulário é menos estável e mais suscetível de mudar.”, o que o torna, essencialmente, uma rica fonte de estudos para além da linguística, podendo colaborar com estudos históricos, sociais, culturais, linguísticos e inúmeras áreas de estudos antropológicos. Quanto ao viés cultural trazido pelo léxico, Barbosa (2008/2009) apresenta o conceito de *lexicultura*, proposto por Robert Galisson, em 1987, como:

[...] um modo de acesso ao estudo do léxico culturalmente marcado [...] mostra-nos a singularidade e a diversidade dos lugares onde a cultura pode ser encontrada em uma língua, pois [...] o léxico é o nível de descrição lingüística mais diretamente ligado à realidade extralingüística (BARBOSA, 2008/2009, p. 33).

Depreendemos, assim, que a cultura trazida pelas palavras nos apresenta as tradições de um povo e com elas sua religião, o que acreditamos estar firmada nos topônimos usados paralelamente para se referir as ruas do bairro Jardim Sucupira.

O léxico toponímico, objeto de estudo da Toponímia, possui uma carga de informações sobre um povo, que muitas das vezes são desconhecidas pelas pessoas que o utilizam, alguns deles por pertencerem a um determinado campo lexical, como o religioso, são tratados de forma preconceituosa, mas por ora, não iremos nos alongar

nessa questão. Tratemos, pois, das informações toponímicas na tentativa de afirmar o contato linguístico entre as diferentes etnias. Nesse sentido, ao observarmos o panorama da toponímia primitiva do Brasil, constatamos a presença de muitos topônimos de origem portuguesa, invocando os “bens espirituais” (DICK, 1982, p. 80), e de origem indígena, “[...]voltados para as circunstâncias imediatas da terra, ou do seu próprio meio ambiente [...]” (DICK, 1982, p. 80), já os topônimos de origem africana apresentavam-se e apresentam-se com menor frequência que os de origem indígena, ainda assim, quando constatados, tinham e têm características misturadas com o português brasileiro, conforme afirma Dick (1982):

[...] a *toponímia de origem africana*, apesar de oferecer, extensivamente, um quadro menor que o de procedência autóctone (cerca de quarenta vocábulos, aproximadamente), denota também as influências linguísticas experimentadas pelo português do Brasil, na fase histórica da colonização. (DICK, 1982, p. 82)

Podemos relacionar a predominância da toponímia indígena no Brasil a diversos fatores, como o literário, em que na literatura brasileira, no movimento artístico do romantismo, o índio foi considerado herói nacional, prestígio jamais alcançado pelos negros. Quanto ao viés linguístico, podemos atribuir esse fato aos equívocos cometidos por alguns dicionários que apresentam erroneamente a etimologia de um verbete como se fosse de origem tupi. Sobre esses equívocos, Castro (2001, p. 70) apresenta um exemplo, entre outros, em que a palavra *mocotó*, da língua banta, é definida, de forma equivocada, como original do tupi. Dessa forma, muitos topônimos portando vocábulos de origens variadas possivelmente foram classificados como portadores de elementos autóctones, visto que os negros e suas línguas nunca foram aceitos como parte constituinte da formação desse país tão plural que é o Brasil.

Na Bahia, a influência dos povos e das línguas africanas no PB é refletida em potencial, principalmente, na variedade popular e nas religiões afro-brasileiras, antes consideradas apenas de negros e desprestigiadas, como o candomblé e a umbanda. Sobre a toponímia baiana com influência africana, Dick (1982, p. 83) infere que “efetivamente,





a Bahía registra um número considerável de topônimos africanos, em contraste a outras áreas, assim como o Nordeste, de um modo geral.”, característica que pode ser explicada pela expressiva concentração de africanos na área urbana da cidade de Salvador “[...] nas primeiras décadas do século XIX [...]” (CASTRO, 2001, p. 41), onde “[...] foram concentrados em trabalhos domésticos e serviços urbanos [...]” (CASTRO, 2001, p. 41), daí a influência das línguas africanas no estado baiano, o que iremos constatar com os topônimos analisados na próxima seção.

#### 4 O Jardim Sucupira e os topônimos de origem africana

Demarcado como sub-bairro do bairro Baraúnas em Feira de Santana - Ba, o Jardim Sucupira pode ser considerado como um local periférico da cidade. Mas, atraiu nossa curiosidade por apresentar um considerável número de logradouros antes denominados pelo léxico utilizado nas religiões de origem africana. Mesmo tendo esses topônimos modificados há aproximadamente 20 anos, esse bairro destaca-se como portador de um importante *corpus* para a pesquisa linguística sobre a influência do contato linguístico do PB.

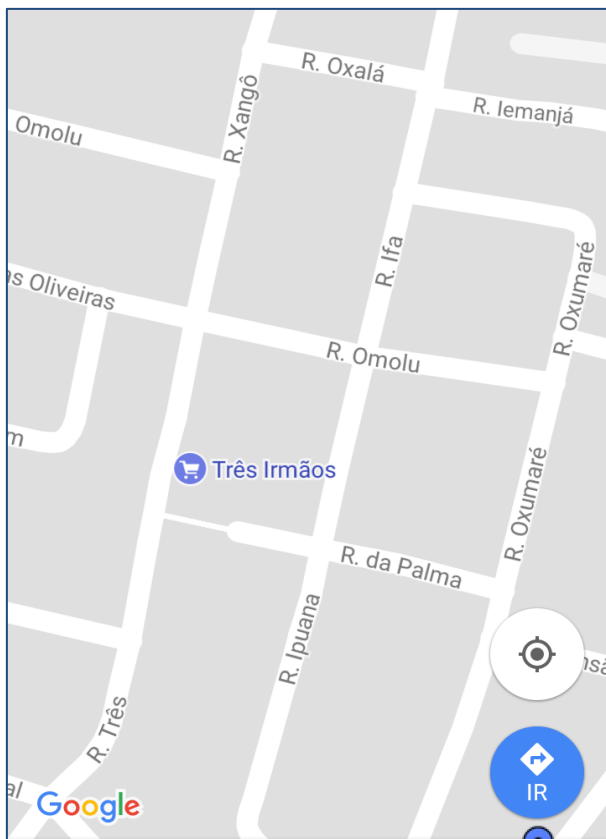
Antes de adentrarmos nas questões linguísticas, é relevante informar que Feira de Santana é considerada a segunda maior cidade da Bahia, situada a 108 km da capital baiana<sup>6</sup>. Assim, por estar muito próxima da cidade de Salvador, adquiriu muito do que ali foi cultivado desde os séculos fundantes do país, como a mistura da culinária entre os diferentes povos, a mistura dos ritmos, músicas e danças, inclusive a mistura das religiões, a qual resultou no sincretismo religioso entre o catolicismo e as religiões de origem africana. Nesse sentido, podemos afirmar que toda essa mescla cultural refletiu na linguística, podendo ser notada através de topônimos, como os que serão apresentados e analisados.

---

<sup>6</sup> Fonte: [pt.wikipedia.org/wiki/Feira\\_de\\_Santana](http://pt.wikipedia.org/wiki/Feira_de_Santana)

Através do *Google maps* e de sites e blogs com notícias relacionadas ao Jardim Sucupira, fizemos um levantamento de 24 nomes de logradouros, sendo que 12 desses portam vocábulos de origem africana, a saber: Rua Nanã, Rua Oxóssi Guerreiro, Rua Ogum Beira Mar, Rua Ogum de Ronda, Rua Omolu, Rua Oxumaré, Rua Ifa, Rua Aruanda, Rua Iansã, Rua Ogum sete linhas, Rua Iemanjá e Rua Oxossi Pena Branca. Confira-os nos seguintes mapas:

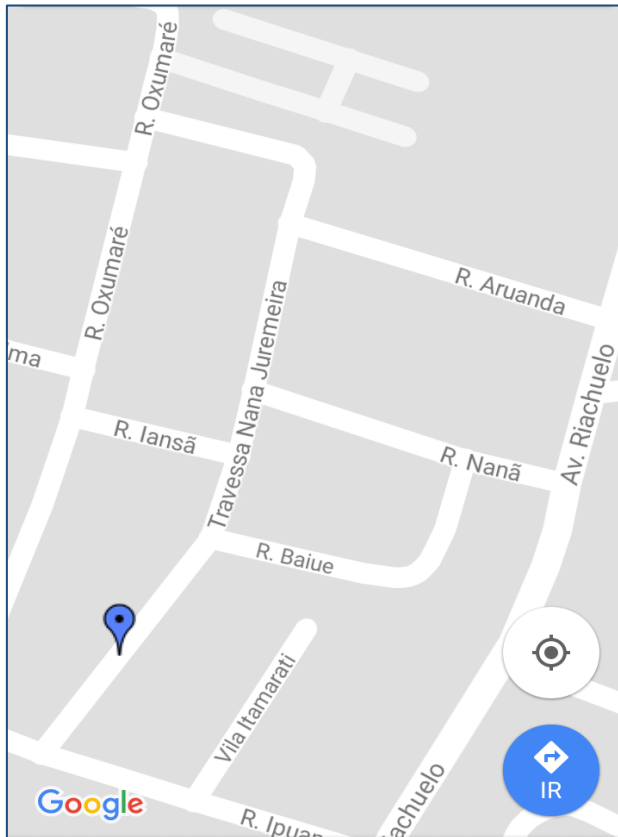
### 1. Mapas das ruas do Jardim Sucupira

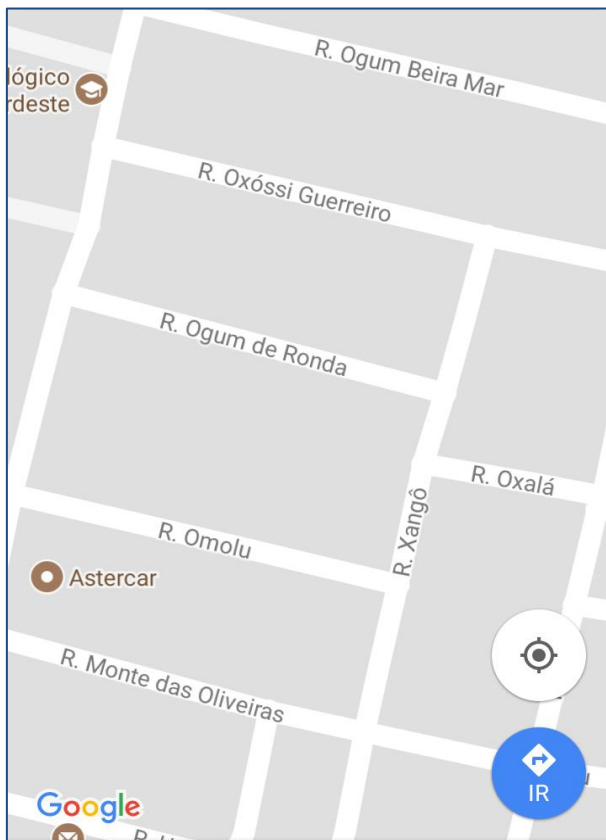




## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU  
ISSN: 2178-1486 • Volume 8 • Número 24 • Mar 2018/





Fonte: Googlemaps

Dos 12 topônimos de origem africana escolhemos seis para apresentarmos sua análise etimológica e sua estrutura morfológica, buscando confirmar o resultado do contato entre as línguas africanas e as outras línguas no Brasil, para isso utilizamos o quadro, apresentado a seguir:

### 1. Quadro com alguns topônimos do Jardim Sucupira

Topônimo	Etimologia	Estrutura morfológica
Rua <i>Nanã</i>	Origem <b>Kwa</b> , do fon <i>nàná/nõnõ</i> , mãe, avó maternal. (CASTRO, 2005)	<b>Nanã</b> [ <u>Na</u> (morfema lexical, variado da forma <i>nà</i> , de origem kwa/fon) + <u>nã</u> (morfema lexical, variado da forma <i>ná</i> , de origem kwa/fon)].
Rua <i>Omolu</i>	Origem <b>kwa</b> , possivelmente do iorubá <i>omu</i> 'agudo, afiado' + <i>oolu</i> 'furador'. (HOUAISS, 2007) / (CASTRO, 2005)	<b>Omolu</b> [ <u>Om</u> (morfema lexical de origem kwa) + <u>oolu</u> (morfema lexical de origem kwa)].
Rua <i>Oxumaré</i>	Origem <b>kwa</b> , do iorubá <i>oxumare</i> 'arco-íris'. (HOUAISS, 2007)	<b>Oxumaré</b> (morfema lexical de origem kwa/iorubá)
Rua <i>Aruanda</i>	Origem <b>banta</b> , De Luanda, topônimo, morada mítica dos orixás e entidades superiores da Umbanda. (LOPES, 2003)	<b>Aruanda</b> (morfema lexical de origem banta).
Rua <i>Iansã</i>	Origem <b>kwa</b> , do iorubá <i>iyásan</i> - <i>iya</i> 'mãe' + <i>san</i> 'trovejar', nome talvez criado no Brasil com esses elementos do iorubá. (HOUAISS, 2007) / (CASTRO, 2005)	<b>Iansã</b> [ <u>iya</u> (morfema lexical de origem kwa/iorubá) + <u>san</u> (morfema lexical de origem kwa/iorubá)].
Rua <i>Ifa</i>	Origem <b>kwa</b> , do iorubá <i>ifá</i> 'divindade da adivinhação'. (HOUAISS, 2007)	<b>Ifa</b> (morfema lexical de origem kwa/iorubá)

Fonte: Elaborado pela autora

Os dados encontrados, na pequena amostra apresentada no quadro acima, nos revelam que o léxico toponímico usado de forma paralela como denominador das ruas do Jardim Sucupira é majoritariamente oriundo da língua *iorubá*:

[...] constituída de vários falares regionais [...] concentrados nos territórios limítrofes entre a Nigéria ocidental [...] e o Reino Queto, no Benim oriental. Chamados de ànàgó pelos seus vizinhos, termo por que ficaram genericamente conhecidos no Brasil sob a forma *nagô* (CASTRO, 2005, p.41).

A língua *iorubá* tem sua origem na família *kwa*, assim como a língua *fon*, que originou o topônimo “Naná”, o qual, segundo Lopes (2003), é uma variação do vocábulo “nhanhã”, que significa *senhora*, de origem *banta*, especificamente do *quim-bundo*. Esses dados geram uma incerteza quanto à origem desse vocábulo, mas acreditamos que a evolução dos estudos proporcionou uma certeza trazida em Castro (2005), que o definiu como original da língua *fon*. Notamos também a presença do topônimo “Aruanda” que, segundo Castro (2005), é originado do grupo linguístico *banto*, proveniente da África sub-equatorial, especificamente do ramo *benue –congo* e do grupo *bantuídeo*. Esses aspectos etimológicos só confirmam o que foi postulado por Gregory Guy, em 1995, sobre as línguas da África, quando infere que as que mais influenciaram o PB foram as do grupo *Kwa* e do grupo *Banto*.

Através da análise da estrutura morfológica trazida pelos topônimos de origem africana, percebemos que eles não sofreram alterações significativas, o que pode ser explicado pelo fato de que os povos de fala *iorubá* foram os últimos trazidos para o Brasil, já em meados do século XIX. Assim, concentrados em Salvador, foram restringidos à convivência urbana e sem muitos contatos com outras etnias (diferente do que ocorreu com os negros africanos do início da colonização), dessa forma, comprovamos que no viés linguístico “[...] conservou-se fiel às suas origens [...]” (CASTRO, 2005, p.69), o que contribuiu para a preservação dos morfemas lexicais. O contrário aconteceu com as línguas bantas no Brasil, pois foram incorporadas à estrutura do português com mais antecedência que outras línguas da África, sendo mais difundidas que as línguas *iorubá* e *fon*, o que dificulta sua identificação em meio às variedades do PB.

Na Bahia, esses vocábulos, por ora topônimos, são facilmente identificados como pertencentes às práticas religiosas do candomblé, o que causa um estranhamento por parte

da população que, preconceituosamente, repudia toda e qualquer prática ou elemento desse segmento religioso, sem ter noção ou conhecimento do seu significado e o que de fato representa. É inegável que grande parte do conjunto lexical africano, proveniente do contato linguístico no Brasil, está relacionado às práticas das religiões de base africana, devendo ser entendido como:

[...] um veículo de expressão simbólica [...] relacionado ao universo religioso dos recintos sagrados onde se desenrolam as cerimônias do culto, e já modificado, em sua origem, pela interferência da língua portuguesa no Brasil (CASTRO, 2005, p.80).

Podemos enfatizar que nesse cenário linguístico-religioso as línguas africanas, como o iorubá, se mantiveram restringidas ao uso nos rituais dos terreiros de candomblé, como chamado na Bahia, o que propiciou uma maior conservação do seu léxico em relação às demais. Porém, no contato linguístico e cultural muita coisa se perdeu, pelo fato de que:

[...] o repertório específico da liturgia dos candomblés se conservou estranho ao domínio da língua portuguesa, enquanto seu vocabulário necessariamente se cristalizou mais, tendendo a se modificar menos, no momento em que foi aceito pela comunidade sócio-religiosa como meio primordial de contatar as suas divindades, e o acesso ao seu conhecimento, como fator preponderante de integração e identidade etnoreligiosa do grupo (CASTRO, 2005, p.83-84).

Faz parte de uma cerimônia religiosa do candomblé o entoar dos cânticos às entidades na língua africana, pois é mais importante a competência simbólica presente nele e não o significado em si. Dessa maneira, notamos uma razão extralinguística para a conservação dos elementos lexicais em maior número na Bahia, aspecto que certamente criou uma barreira contra as influências dos processos do contato linguístico na formação do PB.



### Considerações Finais

Independente da crença de que houve ou não uma evolução linguística do português vernáculo, ou da hipótese da criouliização prévia, ou da transmissão linguística irregular, é inegável que há uma forte influência africana adquirida por meio do contato linguístico e cristalizada nos topônimos, especialmente, nos baianos. Como pudemos comprovar com o pequeno estudo etimológico realizado com os nomes que antes eram oficialmente utilizados nas ruas do Jardim Sucupira, porém são usados ainda hoje de forma paralela.

Nesse sentido, através da análise realizada pudemos confirmar o que foi dito por Dick (1982), quando afirma a pouca presença de topônimos africanos no Brasil, sendo mais notados em terras baianas.

A partir dos aspectos culturais, linguísticos e extralinguísticos encontrados no léxico toponímico apresentado, concluímos que esse estudo apresenta-se como uma porta para outros que poderão vir utilizando esse mesmo *corpus*, que se revela como um leque rico de vertentes postas para serem estudadas.

### Referências

- ABBADE, Celina Marcia de Souza. O estudo do léxico. In: TEIXEIRA, Maria da conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro; SANTOS, Rosa Borges dos (Org). **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006, p. 213-225.
- BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção. O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino aprendizagem de português língua estrangeira. **Revista Filologia Linguística Portuguesa**, n.10-11, 2009, p. 31-41.
- BAXTER, Alan Norman. Transmissão Geracional Irregular na História do Português Brasileira: divergências nas vertentes afro-brasileiras. **Revista Internacional de Língua Portuguesa**, v. 14, 1995, p. 72-90.
- DICK. Maria Vicentina de Paula do Amaral. Origens históricas da toponímia Brasileira: Os nomes transplantados. **Revista do Instituto de Estudos brasileiros**. 1982.





## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU  
ISSN: 2178-1486 • Volume 8 • Número 24 • Mar 2018/

LUCCHESI, D. A deriva secular na formação do português brasileiro: uma visão crítica. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. **Rosae**: linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 249-274.

MELLO, H. R. Formação do português brasileiro sob a perspectiva da linguística de contato. In: MELLO, H.; Altenhofen, C.; RASO, T. (Org.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, v. 1, 2011, p. 173-186.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. Ampliando a investigação do continuum afro-brasileiro de português. **Papia**, v. 25, n. 2, 2015, p. 305-317.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

Recebido Para Publicação em 26 de dezembro de 2017.

Aprovado Para Publicação em 13 de fevereiro de 2018.